

**OS LUSÍADAS:
A MENTALIDADE EUROPEIA
SOBRE AS NAVEGAÇÕES DO NOVO MUNDO
E A HISTÓRIA TRÁGICO MARÍTIMA**

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (ABRAFIL, UERJ)
marciomoitinha@hotmail.com
Daniel de Assis Soares (UERJ)

RESUMO

Este minicurso trata de dois temas: a mentalidade europeia sobre as navegações do novo mundo e a história trágico marítima, que são uns dentre muitos temas abordados pela obra *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões. Em relação ao primeiro, serão tratados vários assuntos, desde a missão de Vasco da gama até às consequências expostas pelo velho do Restelo. Já, na segunda proposta, serão abordados, desde a oposição do Velho do Restelo a ganância estatal, até às profecias de Adamastor. Ainda em relação ao segundo tema, cabe mencionar a abordagem do poema de Fernando Pessoa “Mar Português” que não pertence ao autor da obra *Os Lusíadas*, todavia realiza uma intertextualidade com a mesma que será exposta no decorrer do curso. Em suma, demonstraremos que Camões busca inspiração na cultura clássica para contar a história de sucessos e fracassos das navegações portuguesas.

Palavras-chave: Literatura portuguesa. *Os Lusíadas*. Camões.

O tema geral escolhido por Camões para o seu poema foi toda a história de Portugal, como se vê pelo próprio título: *Os Lusíadas*. Esta palavra (neologismo inventado por André de Resende) designa os Portugueses, que a erudição humanística assim nobilitava como descendentes de Luso, filho ou companheiro de Baco. O próprio autor explicita o seu propósito, ao afirmar que canta «o peito ilustre lusitano»[...]. (SARAIVA & LOPES, 2010, p. 333)

O escopo deste minicurso é analisar a mentalidade do europeu sobre as navegações do novo mundo e abordar as tragédias ocorridas no mar sob a perspectiva de Luís Vaz de Camões na obra, *Os Lusíadas*, que conta toda história de Portugal.

Na obra *Os Lusíadas*, Luís Vaz de Camões não diz somente de mercadorias e trocas comerciais, também celebra a viagem de Vasco da Gama justamente devido ao fim de que fossem celebrados acordos comerciais com o oriente.

“D. Manuel (1469-1521), que incumbem Vasco da Gama do desbravamento dos oceanos e do estabelecimento de um novo contato entre o Ocidente e o Oriente”. (TEIXEIRA, 2001, p. 52)

O aspecto comercial da obra está relacionado às demais ações da epopeia. Nota-se, por exemplo, a descrição que Luís Vaz de Camões faz da volta de Vasco da Gama, depois da tentativa de este celebrar um acordo comercial com Samorim em Calecute.

Gama não teve sucesso em sua tentativa de firmar um tratado, devido as divergências existentes dentro de Calicute, todavia, Luís Vaz de Camões revela que a viagem foi proveitosa, pois as naus portuguesas voltaram cheias de especiarias e Gama trás informações importantes do Oriente, fundamentais para o preparo de viagens com fins de conquista da Índia:

*Parte-se costa abaxo, porque entende
Que em vão co' o Rei gentio trabalhava
Em querer dele paz, a qual pretende
Por firmar o comércio que tratava;
Mas como aquela terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna à pátria cara,
Certos sinais levando do que achara.*

*Leva alguns Malabares, que tomou
Per força, dos que o Samorim mandara
Quando os presos feitores lhe tomou;
Leva pimenta ardente, que comprara;
A seca flor de Banda não ficou;
A noz e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co' a canela
Com que Ceilão é rica, ilustre e bela.*

(CAMÕES, 2012, p. 224-225)

Contudo Luís Vaz de Camões não fica restrito a uma simples referência ao fim a que se destina viagem. Quando tal objetivo é alcançado Luís Vaz de Camões, em função do merecimento, escreve dois longos cantos.

Os cantos sétimos e oitavo não registraram batalhas sanguinolentas, nem profissões de fé; são dedicados, sim, a uma descrição das dificuldades enfrentadas pelos portugueses, nas delicadas negociações para o estabelecimento de relações comerciais com a Índia. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 256)

No canto sétimo, ele se torna mais explícito, quanto ao fim da viagem à Índia, abordando a proposta de um acordo militar e comercial, com retorno lucrativo para ambas as nações:

E se queres, com pactos e lianças
De paz e de amizade, sacra e nua,
Comércio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Por que creçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
*De vossos Reinos, será certamente
De ti proveito, e dele glória ingente.*

E sendo assi que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará pronto a toda adversidade
Que por guerra a teu Reino se ofereça,
Com gente, armas e naus, de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça;
E da vontade em ti sobr'isto posta
Me dês a mi certíssima resposta.

(CAMÕES, 2012, p. 192)

Desta maneira, Luís Vaz de Camões não é apenas mais explícito com relação aos objetivos da viagem, também faz o acompanhamento e o destaque dos passos cumpridos pelos portugueses na realização do projeto, instaurando a concepção de que a expansão comercial é um elemento de união e civilização dos povos.

No canto sétimo, a narrativa descreve a chegada dos portugueses à Índia, na qual o narrador, antes de qualquer comentário de cunho religioso fala da riqueza do local:

Já se viam chegados junto à terra
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra
E o Ganges, que no Céu terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora:
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante!

(CAMÕES, 2012, p. 178)

Somente após fazer referência de forma cobiçosa a tal riqueza, o narrador diz da Fé, o fazendo com o intento de contrapor Portugal ao restante de toda Europa.

Neste momento histórico, grande parte da Europa estava imersa em uma guerra religiosa.

Diante disso, Luís Vaz de Camões, em sua obra, não aborda apenas das relações comerciais, da riqueza e das mercadorias, porém possui uma perspectiva positiva deles, o que contrapõe a ideologia religiosa, que luta contra a cobiça. Para Luís Vaz de Camões, a cobiça deve ser encarada, como um aspecto humano, que precisa ser “[...] canalizada contra o inimigo comum dos cristãos, os mulçumanos”. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 259)

Em relação ao clero, o narrador analisa a dissolução moral do clero romano, e das divisões religiosas. Em tal crítica, ninguém escapa. Lutero é acusado de ser independente da soberania papal. Henrique VIII é acusado de perseguir e de dividir os fiéis católicos, ao invés de conservar a coesão para que Jerusalém fosse libertada do domínio mulçumano; Francisco I, mesmo sendo católico, fez uma aliança com os turcos para combater Carlos I, também católico. Vejamos o fragmento selecionado:

Vede'los Alemães, *soberbo gado*,
Que por tão largos campos se apacenta;
Do *sucessor de Pedro* rebelado,
Novo pastor e nova seita inventa;
Vede'lo em feias guerras ocupado,
Que inda co cego error se não contenta,
Não contra o superbíssimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.

Vede'lo *duro Inglês*, que se nomeia
Rei da velha e santíssima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoreia
(Quem viu honra tão longe da verdade?),
Entre as Boreais neves se recreia,
Nova maneira faz de Cristandade:
Pera os de Cristo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

Guarda-lhe, por entanto, um falso Rei
A cidade Hierosólíma terreste,
Enquanto ele não guarda a santa Lei
Da cidade Hierosólíma celeste.
Pois de ti, *Galo indino*, que direi?
Que o nome «*Cristianíssimo*» quiseste,
Não pera defendê-lo nem guardá-lo,
Mas pera ser contra ele e derribá-lo!

(CAMÕES, 2012, p. 178-179)

A famosa exortação aos estados cristãos – aos Alemães, "*soberbo gado*", rebelados contra o "*sucessor de Pedro*", ao "*duro Inglês*" que "*nova maneira faz da Cristandade*", ao "*Galo indigno*" que desonra o título de "*cristianismo*" atacando o Papa, à Itália "submersa em vícios mil" [...]. (SARAIVA & LO-PES, 2010, p. 333)

“Mergulhados na ociosidade, nos vícios e obcecados com as riquezas materiais, os padres da Igreja não conseguem mais unificar os cristãos”. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 260)

Isto demonstra que a religião não é mais um elemento unificador da Europa diferentemente do período feudal em que a religião “[...] era o ponto de união entre os homens[...] e garantia a estrutura hierárquica daquela sociedade [...]”. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 260)

Luís Vaz de Camões, em sua obra, faz uma apologia à cobiça, como um novo fator de união entre os europeus. Através da cobiça, tendo Portugal, como exemplo, os europeus podem juntar-se contra os turcos que têm a posse das riquezas, que o Oriente tem a oferecer. Isto é, se a religião não possui mais a capacidade de unir os europeus, que seja o comércio:

Ó míseros Cristãos, pola ventura
Sois os dentes, de Cadmo desparzidos,
Que uns aos outros se dão à morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vedes a divina Sepultura
Possuída de Cães, que, sempre unidos,
Vos vêm tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

Vedes que têm por uso e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exército inquieto
Contra os povos que são de Cristo amantes;
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De samear cizânias repugnantes.
Olhai se estais seguros de perigos,
Que eles, e vós, sois vossos inimigos.

*Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias,
Não vedes que Pactolo e Hermo rios
Ambos vovvem auríferas areias?
Em Lídia, Assíria, lavram de ouro os fios;
África esconde em si luzentes veias;
Mova-vos já, sequer, riqueza tanta,
Pois mover-vos não pode a Casa Santa.*

(CAMÕES, 2012, p. 180)

Ao conceber a cobiça e a expansão mercantil, como agentes civilizadores e divulgadores da Fé católica, Camões distancia-se de muitos de seus contemporâneos. Essa diferença aparece também no entusiasmo com que descreve a riqueza da Índia e o luxo com que o capitão português se veste para encontrar embaixadores e reis tão luxuosamente paramentados quanto ele. Para Camões, cobiça, viagens, império, luxo, troca são elementos integrantes de um mesmo fato: a expansão comercial. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 261)

“O Poeta acreditava no discurso dominante na época: para ele, a história portuguesa tinha uma missão civilizadora a cumprir no mundo, impondo aos quatro cantos sua religião e a sua doutrina política”. (TEIXEIRA, 2001, p. 30)

A composição camonianiana, trás em si, um traço peculiar: a ligação entre o comércio (mercantilismo) e a religião, que é evidenciada e corroborada pela seguinte estrofe:

*Deus, por certo, vos traz, porque pretende
Algun serviço seu por vós obrado;
Por isso só vos guia e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei que estais na Índia, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria
Cheiro suave, ardente especiaria.*

(CAMÕES, 2012, p. 180)

Ou seja, na estrofe supracitada, percebe-se a harmonia existente entre o serviço de Deus e o dos homens.

A concepção histórica da viagem de Vasco da Gama tem da viagem e, portanto, do comércio é de que a história não se faz pela vontade individual, mas é resultado de lutas entre classes e interesses distintos. Ele trata dessa luta pela expansão do comércio como uma luta entre interesses distintos. Realmente ele não descreve trocas, não coloca no centro da epopeia os comerciantes individuais, mas de uma perspectiva mais globalizante, representa essa luta por um acontecimento nacional, sem deixar, todavia, de abordar as diversas divergências internas. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 262)

Por este motivo, há uma centralização, no personagem Vasco da Gama que surgiu como consequência de um conflito entre seres humanos concretos, causa pela qual os personagens do poema são sujeitos oriundos de vários níveis sociais e diversas culturas e estágios de civilização:

No século XVI, o comércio com os povos orientais, através de novas rotas apresenta-se, como uma nova possibilidade de vida e, como tal, é uma atividade que implica um conflito com interesses ligados a formas anteriores de existência. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 262)

Logo, se conclui que Luís Vaz de Camões, não só tinha consciência da finalidade mercantil da viagem, como também de que a expansão marítima resulta, em uma guerra interna, entre os interesses da nação e do capital mercantil.

Através da fala do Velho do Restelo é possível perceber a posição negativa, em relação à cobiça, cujo objetivo é mostrar que o projeto (a viagem), apesar de muitas divergências internas, ela aconteceria mesmo assim. Esta foi uma das formas adotadas por Luís Vaz de Camões para fazer o registro épico dos interesses tradicionais, sendo deixados para segundo plano em função do tratamento prioritário que a monarquia portuguesa dava ao comércio marítimo e às viagens.

Os Lusíadas exaltam uma expansão que, na sua fase decisiva, foi conduzida em moldes monárquicos a favor, então da classe dominante, e não pela ocorrência capitalista privada [...]. (SARAIVA & LOPES, 2010, p. 336)

No episódio do Velho do Restelo, que integra a partida das naus de Vasco da Gama para a Índia, destacam-se estrofes reflexivas sobre a ambição do homem pelo progresso material e clara censura das navegações, como projeto nacional português. (TEIXEIRA, 2001, p.36).

Na obra camoniana, a visão do Velho do Restelo é a destruição através da cobiça, motivo que faz com que os homens procurem terras longínquas, com o favorecimento do Estado Português destruindo o equilíbrio social. Acerca disso, o Velho do Restelo, a voz da experiência, declara:

Dura inquietação d'alma e da vida
Fonte de desemparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinas e de impérios!
hamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!
«A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

(CAMÕES, 2012, p. 128-129)

A crítica do Velho do Restelo é o desequilíbrio interno de Portugal cujo motivo é a viabilização da riqueza do país para a evolução da atividade comercial.

É provável que, no contexto de luta que Camões representa, a fala do Velho do Restelo apareça como um meio de mostrar que não houve unanimidade quanto à realização das conquistas. Isto só faz valorizar ainda mais aqueles homens que, negando toda uma tradição portuguesa, a tradição camponesa, aventuraram-se no mar, sofrem naufrágios, privações, mortes violentas e retornam vitoriosos. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 263)

O narrador faz observações com relação a chegada dos marinheiros às Índias o que também comprova sua visão positiva em objeção ao ponto de vista do Velho do Restelo, que é a concepção daqueles que permaneceram em Portugal. Surge então à concepção histórica na qual gera o movimento das classes sociais.

Tal visão fica explícita no instante em que o narrador avalia os resultados da conquista da Índia. Para Luís Vaz de Camões "[...] a nobreza não é uma prerrogativa ligada ao nascimento, mas um prêmio que se consegue com o trabalho". (IANNONE *et al.*, 1998, p. 264)

Ainda, para Luís Vaz de Camões, a antiga nobreza deixou suas funções originais e ficou restrita a uma forma de vida luxuosa:

Por meio destes hórridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos
As honras imortais e graus maiores;
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscóvia zibelinos;
Não cos manjares novos e esquisitos,
Não cos passeios moles e ouciosos,
Não cos vários deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos;
Não cos nunca vencidos apetitos,
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não sofre a nenhum que o passo mude
Pera glória obra heroica de virtude. (CAMÕES, 2012, p. 176)

As histórias trágico-marítimas

A expansão marítima comercial, dos séculos XV e XVI, veio a trazer muito lucro ao povo lusitano. Os homens, que se aventuraram no

magno e desconhecido mar, arriscaram suas vidas para proporcionarem glória e riqueza para a nação!

Varões bravos e valentes, cuja missão era estar a serviço da Fé (Igreja) e da coroa portuguesa (Estado), deixaram sua marca, na história, sendo partes deveras relevantes de um empreendimento do qual o escopo maior era uma procura incessante de tesouros, de riquezas com o fim de enriquecimento da monarquia. Contudo, o desenvolvimento econômico do Estado português também teve seu preço: vários homens perderam suas vidas, e muitos navios também se perderam.

Movidos pela ambição, conforme a crítica supracitada do personagem Velho do Restelo da epopeia camoniana, muitos destes heróis ao se arriscarem no mar, até então desconhecido, porém não pensavam, no lado negativo desta aventura, muito menos os possíveis transtornos durante a rota. Vejamos os versos destacados:

*Dura inquietação d'alma e da vida
[...]Nomes com quem se o povo néscio engana!
A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas[...]*

(CAMÕES, 2012, p. 128-129)

Em consonância com a fala do personagem do Velho do Restelo, o poeta português, Fernando Pessoa, em seu poema “Mar Português” declara:

MAR PORTUGUÊS¹⁸³

Ó MAR SALGADO, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

¹⁸³ PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Disponível em:
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000004.pdf>>.

Analisando o poema de Fernando Pessoa, nota-se expressa um sentimento profundo de tristeza e lamentando pela dor daqueles que perderam seus entes queridos em virtude da ganância da coroa portuguesa, quando diz:

Ó MAR SALGADO, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,

Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar! [...]

(Idem, ibidem)

Aqui, o poeta faz uma metáfora: a quantidade de sal do mar é a quantidade de lágrimas dos portugueses que perderam seus familiares, na expansão marítima. A ideia do autor é expressar que houve muitas perdas de lusitanos nesse período.

Após a tal declaração, o Eu-poético muda de estado, que oscilou da tristeza para euforia:

[...] Valeu a pena? Tudo vale a pena
se a alma não é pequena

(Idem, ibidem)

O que demonstra a discussão polêmica que vem, desde aquele tempo em torno da expansão marítima lusitana. Em meio à euforia, o eu-lírico apresenta sua justificativa do domínio das navegações.

Em seguida o poeta diz:

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.

(Idem, ibidem)

A expressão “passar além do Bojador” usado por Fernando Pessoa viabiliza fazer uma intertextualidade com o texto camoniano, em seu Canto V, que aborda as aventuras do povo lusitano pelo “mar tenebroso”.

Entende-se que Bojador é representado, alegoricamente, no texto de Luís Vaz de Camões pelo personagem “gigante Adamastor”. Tanto o gigante na obra de Luís Vaz de Camões, quanto o Bojador, no poema de Fernando Pessoa servem de barreira, obstáculo, para os que procuram atingir seus objetivos.

Os que transpassam tais impedimentos e infortúnios diversos, na difícil viagem, superando limites, devem deixar a dor e o sofrimento, no passado, conforme diz o eu-lírico: “Tem que passar além da dor”.

Tal trecho do poema expressa a bravura, depois da passagem pelo Bojador, obstáculo que aparece, na figura de Adamastor, gigante mitológico, introduzido na história por Luís Vaz de Camões, que exalta a bravura da tripulação e faz profecias. Trata-se de um recurso utilizado pelo autor para tratar de ocorrências históricas, posteriores, a Luís Vaz de Camões.

O gigante profetiza, à morte, o primeiro vice-rei da Índia, assassinado pelos aborígenes, ao norte do Cabo das Tormentas, no momento que depunha os troféus obtidos no conflito de Dio:

E do primeiro ilustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juízos incógnitos de Deus.
Aqui porá da turca armada dura
Os soberbos e prósperos troféus;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça

(CAMÕES, 2012, p. 141)

Adamastor¹⁸⁴ faz alusão ao ilustre português, Manuel de Sousa Sepúlveda, com sua família, foi salvo de um naufrágio, todavia passou por sofrimentos, tais como ver os filhos falecerem por causa da fome, ver sua esposa ser despida e desrespeitada pelos cafres¹⁸⁵, e finalmente falecerem depois desses terríveis sofrimentos:

Outro também virá de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a fermosa dama
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que, duro e irado,
Os deixará dum cru naufrágio vivos,
Pera verem trabalhos excessivos.

(CAMÕES, 2012, p. 141)

¹⁸⁴ ~~indomável~~ - significa indomável

¹⁸⁵ Negros do sul do continente africano

Vasco da Gama interrompe a fala do gigante para perguntar-lhe quem era, e ele se apresenta: é o Cabo das Tormentas¹⁸⁶. Adamastor narra como sofreu uma desilusão amorosa, e de que forma Júpiter o castigou, ao vencer os Titãs, seus irmãos: fora metamorfoseado, tendo sua carne sido transformada em terra, e os ossos em penedos. Logo, rompe em prantos e some. Vasco da Gama solicita a Deus que não permita que tais profecias se realizem.

A obra *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões é uma importante fonte de estudo literário para seus leitores”. Através dela, é possível ver a história de Portugal, sendo inspirada, em outras obras da cultura greco-romana, o que constitui traço marcante do renascimento cultural.

Luís Vaz de Camões demonstra por meio de seu texto ser um profundo conhecedor da história portuguesa e da cultura clássica. Sua epopeia tem traços marcantes que revelam sua erudição e conhecimento. Pois através deste conhecimento, se pode enxergar historicamente a mentalidade do europeu, na época das grandes navegações, em seu aspecto positivo, que resultou no enriquecimento lusitano; e em seus aspectos negativos, que tiveram, como consequências trágicas, perdas e mortes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 17. ed. Porto: Porto Editora, 2010.

TEIXEIRA, Ivan. *Os lusíadas: episódios*. 2. ed. São Paulo. Ateliê, 2001

IANNONE, Carlos Alberto, GOBBI, Márcia Valéria Zamboni, JUNQUEIRA, Renata Soares. (Orgs.). *Sobre as naus da iniciação: estudos portugueses de literatura e história*. São Paulo: UNESP, 1998.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Disponível em:
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000004.pdf>>.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os lusíadas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

¹⁸⁶ Ou Cabo da Boa Esperança, localizado limite da costa meridional da África